

São Paulo, 450

Manchester tropical

Entre as dezenas de obras e reportagens que continuam a ser publicadas sobre os 450 anos da capital paulista, uma que merece atenção é *Annuncios Paulistanos*, de Pedro Yves, com apresentação de Alex Periscinoto, lançamento da Editora Referência. Um prato cheio para historiadores, publicitários ou simples apreciadores de um bom livro. A formação e o desenvolvimento da metrópole vistos pelas lentes da propaganda, em uma cuidadosa e bem editada seleção de textos e imagens.

São *annuncios* dos primeiros tempos da modernização da cidade, e também dos mais recentes, de consolidação da sua liderança econômico-industrial, e dos contemporâneos, de resistência contra as forças da deterioração social e urbana. A amostra abrange dos antigos *reclames* de café e cerveja, perfumes e remédios,

Fonte: *Cinquenta anos de vida e propaganda brasileiras*



Nos anos 1920, a cidade ganhava contornos europeus: ingleses na produção, franceses na moda e nos costumes.

Cortesia das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, SP



Laminação do Complexo Industrial Matarazzo. Início do século XX. Primeiros passos, modestos, da cidade rumo a seu destino de grande centro industrial.

lojas e tipografias, leilões de terrenos e promoções de moda feminina, às atuais campanhas publicitárias pela revitalização do centro e pela não-violência na cidade. Observa-se que os tempos dos empreendedores pioneiros eram modestos, mas já sinalizavam a erupção que estava por vir e a futura transformação da cidade no grande pólo econômico-industrial do país.

Na virada do século XIX para o século XX, os anúncios exibem uma capacidade industrial feita mais de oficinas que de fábricas, e mesmo estas em pequeno número e de pequeno porte, produzindo alimentos e tecidos ou ferramentas e componentes para diversas atividades.

Fato confirmado pelas estatísticas: segundo o relatório sobre a "indústria fabril" brasileira publicado pelo Centro Industrial do Brasil em 1907, o estado de São Paulo já disputava as primeiras posições com o Rio de Janeiro e Minas Gerais em número de empresas e valor de produção e, dentro do estado, a capital já se destacava à frente de todas as cidades paulistas.

São Paulo, 450



Centro industrial nos trópicos

A verdade é que São Paulo apertava o passo rumo a seu destino. O impulso vinha da riqueza do café, do entroncamento ferroviário, da posição a meio caminho entre o porto de Santos e as zonas produtoras mais prósperas do interior – Mogiana, Sorocabana, Araraquarense e Vale do Paraíba. Estrategicamente situada e economicamente favorecida, a cidade crescia em ritmo cada vez mais acelerado.

material de construção, de ferragens e vidro, montadoras de carros, fábricas de motores e pneus, indústrias químicas e metalúrgicas.

Definitivamente, a paisagem urbana era outra. Esparramada por bairros distantes da velha “colina sagrada” dos jesuítas, cortada por novas avenidas e coalhada de chaminés fumegantes, a cidade enevoada, fumacenta e trepidante afirmava-se, orgulhosamente,

Fonte: Imagens de São Paulo. Gaensly no acervo da Light - 1899-1925



Avenida São João, em 1915, vista a partir da rua Líbero Badaró em direção ao largo do Paissandu. Os bondes da Light, transporte moderno para as pessoas e o “passaporte” da cidade para seu futuro como metrópole.

Crescimento demográfico inflado pelo fluxo migratório e crescimento industrial turbinado por internos e externos em instalações fabris, transportes e serviços urbanos e de infra-estrutura. Crescimento físico e econômico que se manifestava a cada dia em novas indústrias e melhoramentos urbanos. As atividades se diversificavam e as fábricas se espalhavam por bairros antigos e novos, acompanhando os trilhos da Central, da Santos-Jundiaí e da Sorocabana em direção ao Belém e à Penha, à Mooca e ao Ipiranga, à Barra Funda e à Lapa.

É certo que ainda predominavam as tecelagens, os moinhos de trigo, as fábricas de banha e óleos, as indústrias de bebidas e massas, as fábricas de móveis, utensílios domésticos e pequenos implementos agrícolas. Mas, ao lado delas, começam a aparecer indústrias de

como uma espécie de nova “Manchester” – versão tropical dos grandes centros da Revolução Industrial europeia. Nem faltavam, é claro, as manifestações, organizações e greves dos trabalhadores na luta por seus direitos, outro símbolo do novo perfil urbano e outro protagonista da nova realidade social que o capitalismo industrial ia impondo à cidade.

Não foi por acaso, assim, que em 1927, o imponente edifício de estilo eclético construído no Parque dom Pedro, destinado a encontros, exposições e eventos empresariais, foi chamado de Palácio das Indústrias. E foi menos ocasional ainda a criação, no ano seguinte, do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, origem da todo-poderosa Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a FIESP. Eram demonstrações claras da fé das elites locais no futuro da metrópole.

São Paulo, 450

Irradiação

Logo depois, entretanto, esse futuro promissor pareceu seriamente ameaçado. A crise do café, detonada pela paralisação do comércio internacional após a quebra norte-americana de 1929, pôs em xeque a expansão de um pólo econômico ainda sustentado pelas rendas da exportação. O café e a indústria paulista foram salvos pela mudança de rumo da política econômica do país na Era Vargas, que estava começando. Getúlio e as forças “nacionalistas” integradas à revolução de 1930, mostraram-se decididos a reduzir a dependência da monocultura exportadora e a colocar o país nos trilhos da industrialização. A criação da Companhia Siderúrgica Nacional em 1941 foi o sinal de partida para a modernização do país.

Para os empresários industriais paulistas, os discursos e as ações de Vargas eram música para os ouvidos. Antes mesmo que o primeiro alto forno da estatal de Volta Redonda entrasse em funcionamento, em 1946, três siderúrgicas privadas já operavam em São Paulo, construídas pelos grupos Aliperti, Jafet e Dedini nas vizinhanças do Ipiranga. Logo depois, era a vez das fábricas de papel, cimento e alumínio, dos grupos Votorantim e Klabin, na zona oeste da capital.

Essa arrancada prosseguiu no pós-guerra e acelerou mais ainda entre os anos 1950 e 1960. Depois de avançar na produção de insumos industriais, o país avança no setor de bens duráveis, veículos e eletrodomésticos, sobretudo, por decisão do governo Kubitschek. Onde produzi-los? Em São Paulo, naturalmente, que era onde estavam as fontes de investimento, de

Anúncio de edifícios de luxo em São Paulo - anos 1970 e 1980. Nas edições dominicais dos jornais paulistanos, os anúncios de lançamentos de prédios de luxo são presença constante e permanente.

Agência Estado/Divulgação



Fábrica da Walita, na Grande São Paulo. Fundada nos anos 1960, foi a primeira indústria a lançar o liquidificador no Brasil, inaugurando a categoria dos eletrodomésticos portáteis.

abastecimento de componentes e a maior concentração de consumidores. A capital paulista, já cruzando a marca dos 3 milhões de habitantes em 1960, tornara-se a “cidade que não pode parar”.

E não parava mesmo de crescer. Nos anos 1970, no auge do “milagre econômico” brasileiro, São Paulo firmou-se como pulmão da economia nacional, tal a

Manchete. 10/1/1974

OS BONS ESPAÇOS VOLTARAM:
1 APARTAMENTO POR ANDAR COM MUITO LUXO, CONFORTO E 5 VAGAS NA GARAGEM

Manchete de anúncio imobiliário para apartamentos de luxo em São Paulo, datado de 10/1/1974. O anúncio destaca a exclusividade de um apartamento por andar, o alto padrão de luxo e conforto, e a disponibilidade de cinco vagas na garagem. A imagem mostra dois edifícios altos e modernos, além de um plano de planta detalhado e o logotipo da imobiliária Asahi.

São Paulo, 450



concentração de indústrias, bancos e empresas de serviços. O PIB paulistano só perdia para o do próprio estado e de outros dois ou três estados brasileiros.

Mas havia um fato novo. O dinamismo da cidade extravasava seus limites. Por necessidade física ou por conveniência econômica, ou por ambos os motivos, muitas empresas de variados tamanhos e de diversas áreas de atuação já estavam instaladas ou preparavam-se para instalar-se em municípios vizinhos, como os do ABC, a sudeste, de Guarulhos, ao norte, ou de Osasco, a oeste

da capital. Esse foi o caminho tomado por montadoras de carros, indústrias químicas e farmacêuticas, fábricas de autopeças e eletrodomésticos.

Com quase 7 milhões de moradores, São Paulo parecia ter crescido mais do que podia agüentar. Seu crescimento irradiava-se para toda a área metropolitana e até muito além dela. No início dos anos 1980 estimava-se que à sua volta, num raio de 500 quilômetros, já se concentrava metade da produção, da renda e do consumo do país.

Desaceleração

Por isso, “São Paulo tem que parar”, começavam a dizer na época arquitetos, urbanistas, economistas e até algumas autoridades municipais. Temiam que a cidade, cada vez mais congestionada econômica e fisicamente, se deteriorasse também cada vez mais como lugar de trabalhar e viver.

Tinham razão. Depois do círculo virtuoso do crescimento da riqueza, a metrópole entrava no círculo vicioso do inchaço e da pobreza. São Paulo, entre os anos 1980 e 1990, bateu na casa dos 10 milhões de habitantes – a população de Portugal – indicando que a capital paulista continuava a atrair gente do país inteiro, ainda que em menor volume, pois as opções de emprego escasseavam.

Mas a retração da economia brasileira nas últimas décadas fez a cidade perder muito do seu fôlego, com a queda do investimento público e privado. E obrigou-a a rever seu próprio perfil econômico, deslocando-a da função de grande pólo industrial para a de um grande centro de serviços, os mais diversos, ligados ao comércio e à cultura, à pesquisa e ao entretenimento, à educação e ao lazer.

A “Manchester tropical” ficou no passado, as velhas fábricas de tecidos do Brás, da Mooca e do Belém foram demolidas por necessidade da reurbanização do espaço público, ou para dar lugar a condomínios e *shopping*

Agência Estado/Divulgação



Fachada do Shopping Center Penha, na zona Leste. Desde o primeiro, inaugurado no início dos anos 1960, foram construídas três dezenas de shoppings, de vários tamanhos e perfis, tornando-se a mais importante rede de comércio e entretenimento da cidade.

centers. O presente e o futuro da metrópole são outros e as mudanças em curso, ao que tudo indica, irreversíveis. Mas a cidade pode tirar vantagem das desvantagens. É o que esperam seus milhões de moradores.